



INÍCIO / ARQUIVOS / v. 30 n. 2 (2017): Arqueologia e Crítica Feminista



DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v30i2>

PUBLICADO: 2017-12-21

Editorial

Andres Zarankin, Jose Roberto Pellini, Fernanda Codevilla Soares
01-02

PDF

APRESENTAÇÃO

Dossiê Arqueologia e Crítica Feminista no Brasil - uma apresentação

Loredana Ribeiro
03-07

PDF

ESPECIAL

Por uma Arqueologia Feminista da ditadura no Brasil (1964-1985)

Jocyane Ricelly Baretta
08-34

PDF

Narrativas arqueológicas e museológicas sob rasura

Camila A. de Moraes Wichers
35-50

PDF

Sexualidade e Teoria Queer

Fabiano de S. Gontijo, Denise Pahl Schaan

51-70

 PDF

O silêncio do corpo

Luísa de Assis Roedel

71-85

 PDF

Identidade e sexo

Renata da Silva Carmo Verdun, Denise Maria Cavalcante Gomes

86-105

 PDF

Misoginia e homofobia como elementos de sociabilidade na prática arqueológica

Frederic M. C. Pouget, Aline Vieira de Carvalho

106-114

 PDF

Nem todas são Betty ou Anna

Caroline Fernandes Caromano, Meliam Vigano Gaspar, Ester Ribeiro Pereira, Marjorie do Nascimento Lima, Jaqueline Carou Felix de Lima

115-129

 PDF

Gotas de um oceano

Lara de Paula Passos

130-144

 PDF

The feminist critique

Fernanda Neubauer, Michael J. Schaefer

145-161

 PDF (ENGLISH)

Pela materialidade dos gêneros

Gláucia Malerba Sene

162-175

 PDF

A Britannia e suas mulheres

Tais Pagoto Belo

176-192

 PDF

ARTIGOS

Por que preservar?

Cornelius Holtorf; Luara Antunes Stollmeier

193-207

 PDF

RESUMOS DE TESES E DISSERTAÇÕES

Gênero e alimentação

Luana Batista-Goulart

208-210

 PDF

Cronologia e variabilidade

Leandro Elias Mageste, Astolfo Gomes de Mello Araujo

211-214

 PDF

SUBMETA UM NOVO ARTIGO

IDIOMA

Português (Brasil)

English

Español (España)

INFORMAÇÕES

Para leitores

Para Autores

Para Bibliotecários



GENERALIMPACTFACTOR

Google Acadêmico **Journals for Free**

latindex

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 30 No. 2 2017 ESPECIAL: CRÍTICA FEMINISTA E ARQUEOLOGIA

ARTIGO

A BRITANNIA E SUAS MULHERES

Tais Pagoto Bélo*

RESUMO

A proposta deste artigo é refletir sobre as mulheres na sociedade antiga, em especial da *Britannia*, durante a chegada e a presença do Império Romano na província. Esse não era um grupo homogêneo, pois a população que ali já tinha se alojado, quanto a que veio depois, havia uma grande variedade de ideias acerca do *status* de romanas e bretãs e do modo como essas mulheres deveriam conduzir suas vidas. Materiais sobre elas foram encontrados em registros epigráficos, como em lápides, com mensagens póstumas de seus maridos. Este trabalho comparou essas fontes com a obra de Tácito, *Anais*, uma vez que esse autor parece sempre retratar as mulheres com características pejorativas, muito diferentes das palavras carinhosas dadas a elas nos locais em que estão enterradas.

Palavras-chave: Mulheres; Romanas; Bretãs.

ABSTRACT

The proposal of this article is to reflect on woman in the ancient society, especially from *Britannia*, during the arrival and presence of the Roman Empire in the province. This was not a homogeneous group. In fact, for both people, who had settled there and those who came later, there was a great variety of ideas about Roman and Briton women status and how they should lead their lives. Materials about them were found epigraphically, on altars, tombstones and burials. This work compared these sources with the work of Tacitus, *Annals*, since this author always seems to place women with pejorative characteristics, very different from the words of affection given to them in these places of death.

Keywords: Women; Romans; Bretons.

* Pós-doutoranda da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. Endereço para correspondência: Av. Prof. Francisco Morato, 629, apt. 131, São Paulo-SP, Cep: 05513-000. E-mail: taispbelo@gmail.com. Fomento: CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

1. INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é refletir sobre a mulher na sociedade antiga, em especial da *Britannia*, durante a chegada e a presença do Império Romano na província. Este estudo se embasou nas mulheres romanas e bretãs dessa região, que compuseram diferentes costumes, que ali viveram e que foram, de alguma forma, evidenciadas por vestígios escritos e/ou materiais.

Informações sobre essas mulheres já foram encontradas em registros epigráficos, em jazigos em que seus maridos escreveram mensagens póstumas. E este trabalho comparou estas primeiras fontes com a obra de Tácito, *Anais*, uma vez que este autor parece sempre apresentar as mulheres com características pejorativas, muito diferentes das palavras carinhosas e amorosas dadas a elas nos locais em que estão enterradas.

As fontes utilizadas neste artigo mostram que a marginalização da figura da mulher não é algo apenas atual, mas que também se propagou desde muito cedo, devido à formação de estereótipos de gênero, os quais foram e são formados em diferentes contextos culturais e históricos, que estabeleceram e ainda estabelecem padrões para o papel do homem e da mulher e que foram e são constituídos por meio da educação e da família. Os padrões de gênero, desse modo, são construções sociais que ocorrem em diferentes culturas e momentos históricos (MEAD, 1969; NOLASCO, 1993; MAIA, 2005; REIS & MAIA, 2009). Eles são ligados à própria sociedade, que compartilha o mesmo pensamento, dentro de uma mesma cultura, e o reforça através da educação (PEREIRA, 2002; REIS & MAIA, 2009).

Pode ser percebido que as fontes têm certo valor simbólico, político e ideológico. Entretanto, as fontes dão significado simbólico para contextos específicos (HODDER, 1986; SHANKS & TILLEY, 1992; REVELL, 2016). Esses significados são formados de acordo com a construção social existente entre os relacionamentos, e isso implica como as pessoas do passado mantêm suas posições de poder dentro de uma sociedade. Segundo Foucault (2001), o poder está em toda parte, não porque engloba tudo, e sim porque provém de todos os lugares; além disso, o poder não é uma instituição, uma estrutura, uma lei universal: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. Os efeitos de dominação são disposições de manobras, táticas e técnicas dentro de uma rede de relações tensas, que sempre estão em atividade (FOUCAULT, 1991; FILHO & VASCONCELOS, 2007), o que demonstra, que entre as relações de poder há pressupostos de dominação – repressão presente na sociedade civil (FILHO & VASCONCELOS, 2007).

Feitosa (2005), professora doutora da Universidade do Sagrado Coração, observa que é possível adotar uma postura de dominação masculina e se obscurecer em relação à percepção de diferentes poderes, bem como definir as relações de gênero como relações de poder ou de prestígio, que também se complementam reciprocamente (FEITOSA, 2005; BELO, 2014).

Tácito estava inserido em uma tradição aristocrática, era um homem novo (*homo nouus*), defensor exacerbado da nobreza senatorial e atento às famílias aristocráticas, lidava com a psicologia dos seres humanos, comentava sobre a corrupção pública e a perda da moralidade e deixava clara a trama das relações de poder, que geravam conflitos e declínio moral; um exemplo é a descrição que faz das mulheres, as quais aparecem como usurpadoras do poder (FUNARI & GARRAFONI, 2016).

Os mesmos estereótipos, porém de maneira diferente, são registrados na iconografia funerária, em especial no estilo familiar do relevo funerário, que retrata a mulher sentada, geralmente com um espelho, assistida por um ou mais escravos, que penteiam o seu cabelo, enquanto uma cena tão íntima nunca foi encontrada em um relevo funerário masculino. O modo como cada indivíduo adota é a resposta para as

expectativas de um gênero específico e não constitui total verdade de uma identidade de gênero, mas demonstra parte de uma negociação de ideais de identidade. As mesmas respostas, em geral, podem ser interpretadas como compartilhadoras de uma identidade em comum, mas, ao mesmo tempo, podem permitir uma certa individualidade, devido às circunstâncias específicas de cada um (REVELL, 2016) e à consideração de diferentes escolhas.

Essas escolhas devem ser entendidas a partir da noção de que o gênero é um termo em processo (BUTLER, 1999; REVELL, 2016), ou seja, gênero é algo que se desenvolve. Tal significado foi percebido por Simone de Beauvoir (2010), a qual relatou que uma pessoa se torna mulher em vez de nascer mulher. Nesse sentido, “mulher” é um termo em processo (BEAUVOIR, 2010; BUTLER, 1999:45; REVELL, 2016), devendo ser trabalhado através de momentos, práticas e interações sociais, que, além disso, podem ser reinterpretados e reinventados. Os sujeitos podem aprender também outras maneiras de ser, interagindo com grupos diferentes, internalizando novas formas de comportamentos e ideias e fazendo com que uma pessoa seja formada de vários aspectos e diferentes elementos (REVELL, 2016).

As fontes textuais são problemáticas, pois elas têm a tendência de manipular o passado em vantagem de um grupo específico e criar identidades que reforçam a reivindicação do poder para uma certa elite (REVELL, 2016). Todavia, a cultura material pode ter o mesmo papel que o texto, na medida em que eles podem ter sido usados para criar e manter uma identidade étnica e as fronteiras entre os “outros”, em vez de serem um reflexo objetivo (REVELL, 2016) do grupo que a criou.

2. ROMANAS E BRETÃS

De acordo com o pensamento introdutório e com base na leitura de alguns textos antigos, nota-se a depreciação da mulher por alguns autores antigos. Um exemplo disso pode ser observado nas características dadas por Tácito e Dião Cássio nas descrições que fizeram da personagem Boudica, rainha bretã da tribo dos iceni, a qual liderou um exército contra o Império Romano, no século I d.C. Depois de se recusar a entregar suas terras aos romanos, Boudica foi açoitada e suas filhas foram violentadas – evento que ocorreu depois da morte de seu marido, Prasutago. Como consequência desse ato, ela, sua tribo e a tribo vizinha, os trinovantes, uniram-se para destruir os assentamentos romanos, assim como Camulodunum, Londinium e Verulamium. Ela esteve no comando e foi caracterizada por esses autores como alguém que bateu de frente com a concepção de mulher e de liderança que eles tinham (BELO, 2014).

Sendo assim, nas obras *Anais* e *A vida de Agricola*, de Tácito, e *História de Roma*, de Dião Cássio, Boudica foi descrita de forma muito polêmica e caracterizada como uma mulher masculinizada, com a voz e as armas de um homem, agressiva e hostil, além de incapaz de liderar um exército, porém bastante inteligente, se comparada com outras mulheres (BELO, 2014). A figura de Boudica, como guerreira e governante dos nativos, ia contra a ideia de mulher aceita pelos romanos (BRAUND, 1996, BELO, 2014), pois suas mulheres tinham, em geral, um poder limitado dentro de uma sociedade governada por homens, embora pudessem possuir riquezas e ser influentes (HINGLEY & UNWIN, 2005; BELO, 2014).

De acordo com Johnson (2012), Tácito faz a seguinte comparação entre as mulheres que cita em sua obra: Cartimandua, outra rainha bretã, da tribo dos brigantes, aliada de Roma, foi considerada um símbolo de servidão romana e moralmente corrupta, como Messalina, que era destruidora do seu e de outros casamentos, devido

ao ato de adultério¹. No caso de Agripina, era muito marcante, extremamente política, de degeneração ética, vista como outra mulher imperial que simbolizou a decomposição de Roma. Menciona, também, que, da mesma forma que Cartimandua e Messalina, Agripina destruiu a unidade familiar e perturbou a liderança cívica, desestabilizando-a. O autor contrastou essa bretã com Boudica, a qual esteve ao lado de seu marido durante sua morte, consolidando remanescentes familiares e de sua tribo, e, ainda, lutou pela liberdade de seu povo (JOHNSON, 2012; BELO, 2014).

Cartimandua foi descrita nos *Anais* de Tácito como infiel ao marido. Segundo o autor, ela teria entregado Carataco², líder de uma rebelião contra os romanos na ilha, no ano de 51. Tácito a retrata como traiçoeira, imoral e adúltera, enquanto Boudica, ao contrário, foi descrita como uma mulher devota e moral, porém equivocada (HINGLEY & UNWIN, 2005; BELO, 2014). Agripina, esposa do imperador Cláudio, participou do episódio de Carataco e, para Tácito, sua presença em assuntos de Estado, como este, não tinha precedentes constatados, assim como a sua reivindicação de uma parceria no império que seus antepassados haviam criado (BARRETT, 1996).

As mulheres imperiais, as quais faziam parte da família do imperador, esposa, filha, mãe e outras, eram diferentes das bretãs, e não iam para o campo de batalha, como fez Boudica, mas durante o período mais tardio da República e início do Império, algumas delas começaram a ganhar mais independência, como, por exemplo, Lúvia, mulher de Augusto. Ela difundiu uma tendência de que as mulheres de família imperial poderiam desfrutar de considerável influência por meio de um representante. Contudo, durante o período em que Tácito e Dião Cássio escreveram suas obras, algumas dessas poderosas mulheres da realeza já estavam notoriamente mais bem consentidas no meio político, devido a atividade de patronas, tais como as esposas de Cláudio, Messalina, que foi executada, Agripina, mãe de Nero, admirada e temida, bem como a mulher de Augusto, Lúvia (ALDHOUSE-GREEN, 2006; BELO, 2014). Entretanto, as mulheres eram sempre sujeitas a certo grau de limitação em relação à sua capacidade de serem independentes. A autoridade de agir era obtida pelo pai, marido ou guardião (*tutor*), e, até o período de Augusto, as únicas exceções eram as virgens vestais (GARDNER, 1990).

Na obra *Anais*, Tácito descreve a imagem do governo de Nero, que se deixou levar pela influência feminina nos assuntos políticos. Com base no senso comum de sua sociedade, esse autor sugere que as más decisões de Nero somente foram possíveis em

¹ A lei de Augusto, *lex Iulia de adulteriis*, sempre definiu o adultério como um crime feminino. Contudo, os homens e a amante (que sempre era considerada culpada) poderiam levar algumas penalidades. A preservação da propriedade sexual da mulher era importante para a confiança do homem e para a legitimação de seus filhos, o que fazia parte de uma questão econômica e moral (RAWSON, 2006).

² Carataco liderou uma rebelião contra o Império Romano anos antes de Boudica, rainha dos iceni (JOHNSON, 2012; BELO, 2014), mais especificamente em 51 d. C. (HINGLEY & UNWIN, 2005; BELO, 2014). Ele foi herdeiro da tribo dos catuvellaunios, junto com seu irmão, Togodumno, que possuíam moedas com a palavra CARA, que indicava o domínio de Carataco, e eram rivais dos Atrebatas, que se localizavam no sul da ilha (ALDHOUSE-GREEN, 2006; BELO, 2014). Herdeiros de reis-clientes, Carataco e Togodumno se indispueram com a política de Roma (PINTO, 2011; BELO, 2014). A resistência de Carataco na ilha demonstrava que seria difícil para os romanos controlar essa terra. Seu poder podia ser considerado alto em razão da quantidade de moedas encontradas pelos arqueólogos no sul da ilha (SALWAY, 1993; PINTO, 2011). Ele teve o apoio de inúmeras tribos bretãs e organizou resistência onde hoje é o País de Gales. Entretanto, o príncipe foi capturado em 51 d.C., em decorrência da traição da rainha dos brigantes, Cartimandua (TACITUS, *Annals*, 12.36; PINTO, 2011). Em vez de ser executado em Roma, Carataco foi poupado em razão da demonstração de honra em prol de seu povo, em nome do qual foi aprisionado. Sentindo compaixão, Cláudio o perdoou e o deixou viver. No final, o príncipe demonstrou grande gratidão a Cláudio e sua esposa, Agripina (TACITUS, *Annals*, 12.36-37; PINTO, 2011). Com isso, Carataco entrou para a história de Roma como herói de resistência ao invasor, dotado de muitas virtudes, sobretudo pela renúncia da própria vida, ao mesmo tempo conseguiu argumentar em defesa de sua pátria aos modos romanos. A diferença entre Boudica e Carataco, de acordo com os olhos de Roma, era que este último não demonstrava selvageria, confirmando atributos dignos de sua hombridade e de seu caráter masculino (PINTO, 2011; BELO, 2014).

decorrência de conselhos dados por mulheres, como Agripina, sua mãe; Otávia, primeira esposa, de 53 d.C. a 62 d.C.; e Popeia, segunda esposa, de 62 d.C. a 65 d.C. Tácito aponta a percepção de que seria impossível que um bom governo pudesse ser caracterizado pela presença feminina. A primeira fase do governo de Nero, por exemplo, que vai de 54 d.C. a 59 d.C., é descrita como uma administração de um bom homem, sem influências femininas. Todavia, do ano de 60 d.C. a 62 d.C., seu governo passa a ser descrito como passivo de manipulação feminina, razão pela qual, segundo a narrativa, decai. Já a terceira fase, do ano de 63 d.C. a 66 d.C., é o período de maior vício, em que o controle feminino sobre o imperador é mais destacado (VARELLA, 2006; BELO, 2014).

Conforme Fischler (1994), que foi diretora e supervisora da *Society for the Promotion of Roman Studies*, as mulheres imperiais do período Júlio-Claudiano foram caracterizadas como transgressivas e violadoras dos seus papéis na sociedade. O segundo século do período Júlio-Claudiano ficou conhecido como uma aberração na história de Roma, pois os imperadores violaram os privilégios e ameaçaram as vidas de senadores ou outras figuras de liderança. A autora menciona que esses pontos são características comuns para os autores dessa época, principalmente por considerarem esse um momento de transição (FISCHLER, 1994).

Outro fato a se levar em consideração é que a tradição literária sempre teve um interesse particular de comentar sobre essas mulheres, que, diante dos olhos romanos, saíram dos padrões, revelando os abusos considerados plausíveis e os que eram particularmente censuráveis. A descrição dessas mulheres e de seus comportamentos foi inserida nas obras para iluminar o caráter da “má” mulher imperial para o leitor e para mostrar o que esperavam de uma representante de classe governante. Essas atitudes nos fazem indagar acerca do modo como as sociedades reagem em face a mulheres que possuem acesso à autoridade ou ao poder (FISCHLER, 1994).

Mulheres imperiais como Lúvia, Júlia e Agripina, muitas vezes, tiveram que lidar com demandas de atividades que estavam fora dos limites dos afazeres da casa, para preencher as responsabilidades familiares, o que aconteceu quando essas mulheres entraram em contato com assuntos domésticos e públicos. Dessa forma, mulheres da elite romana começaram a conduzir os negócios da família e buscaram influenciar qualquer decisão tomada pelo dirigente da casa. Entretanto, esse dirigente era o imperador, e sua família fazia parte da dinastia reinante em Roma. Sendo assim, a posição da mulher era fonte de tensão, revelando que nunca o poder do Estado poderia estar nas mãos dela (FISCHLER, 1994). Essas atividades levaram essas mulheres a desenvolverem o papel de patronas, ou de *matresfamilias*, que tinham por função tomar conta não apenas da própria família estendida, mas, também, de outras famílias senatoriais, além de famílias de monarcas estrangeiros (FISCHLER, 1994). O patronato também acontecia quando um indivíduo provia uma doação vinda de suas riquezas em benefício da cidade ou de um pequeno grupo dentro dela (MEYERS, 2012). Em relação às mulheres, elas iniciaram no patronato supervisionando os negócios de família, possuindo escravos e protegendo escravos emancipados (FISCHLER, 1994).

A preocupação com as mulheres imperiais alcançava alto patamar quando elas violavam o que era visto como funções primárias do imperador, infringindo seu dever para com o Estado e sugerindo que o poder não estava no próprio imperador, cujo papel fundamental era sua posição de administrador da justiça (FISCHLER, 1994). Esse modo de pensar provocou mudança na natureza de governar, colocando a mulher em uma posição perto do centro do Estado e deixando-a aberta para mudanças e influências nos negócios do Estado com vistas a ganho pessoal (FISCHLER, 1994).

Segundo Fischler (1994), as atividades que envolviam as mulheres imperiais se tornaram padrões de categoria que eram utilizados por esses autores em estudo para qualificar os imperadores, retratando, dessa forma, a qualidade e a natureza do governante “ruim”. Fischler (1994) afirma que, para os romanos, os “bons” imperadores tinham mulheres e mães que eles podiam controlar e que nunca ultrapassariam os limites. Contudo, as mulheres imperiais, quando exerciam essas atividades tradicionais, eram sujeitas à reinterpretação, pois elas eram parte do império e eram vistas pelos homens da elite como ameaças a um “bom” governador. Por essa razão, escritores como Tácito e Dião Cássio utilizaram as “más” mulheres imperiais como sinônimo de Estado em desordem (FISCHLER, 1994).

3. AS MULHERES NA *BRITANNIA*

Ao estudar as mulheres da *Britannia*, deve-se ter em mente que não se tratava de um grupo homogêneo. Nesse local, antes da chegada dos romanos, habitavam tribos independentes, com atividades, religiões, costumes e tradições distintas das dos invasores. Na verdade, tanto para a população que ali já tinha se alojado quanto para a que veio depois, havia uma grande variedade de ideias a respeito do *status* das mulheres e do modo como elas deveriam conduzir suas vidas (ALLASON-JONES, 2012). Dessa forma, não é tão simples trilhar uma característica, ou mesmo uma identidade, da mulher dessa região e período, através das fontes escritas, tendo em vista que, muitas vezes, estas contradizem as fontes materiais.

Isso acontece, porque cada pessoa é formada dentro de um contexto sociopolítico específico que influencia em como considerar apropriada certa norma de comportamento. Entretanto, essas estruturas sociais resultam do produto de ações e crenças dos membros de uma sociedade, as quais atuam juntas. A ideia de normalizar o discurso de identidade pode ser, num primeiro momento, a entrega de um poder sem garantias e que carrega a impressão de estereótipos sociais, mas isso é amenizado com a ideia de agência, ou seja, quando cada pessoa tem a habilidade de fazer a diferença em sua situação através de certos recursos (literal e metaforicamente), adequando-se a eles dentro das estruturas sociais (JOHNSON, 1989; DOBRES & ROBB, 2000; REVELL, 2016).

Todavia, a identidade é dinâmica e a posição dos indivíduos dentro da comunidade pode depender de vários aspectos, como gênero, idade, ocupação, *status*, sexualidade, bem como etnicidade (REVELL, 2016). Em relação à categoria de gênero, Meskell (2007), arqueóloga da Universidade de Stanford, explica que isso é formado de acordo com uma complexa escolha de cadeias de práticas significativas, que variam para os indivíduos conforme o tempo e que se cruzam com outras cadeias de práticas significativas, envolvendo conceitos de classe e raça (MESKELL, 2007).

3.1. Mulheres e Epitáfios

Há evidências epigráficas sobre as mulheres na *Britannia*. No entanto, são poucas as inscrições que demonstram a existência delas sozinhas, na medida em que a maioria é de origem militar, mais facilmente encontradas em zonas militares. Segundo Allason-Jones (2012), apenas 10% desses vestígios abordam as mulheres, havendo variações de informações, desde um simples nome até biografias insignificantes (ALLASON-JONES, 2012).

Essas fontes faziam parte, geralmente, de sepultamentos de famílias inteiras ou de texto redigido pelo marido para a sua esposa. Nessa perspectiva, pode-se deduzir que a família era um elemento importante para essa comunidade da Bretanha Romana. Porém, essa região era um lugar tão cheio de migrantes de outras províncias (ou mesmo

de nativos) que não é possível se ter uma ideia exata da típica família romano-bretã (ALLASON-JONES, 2004).

Nesse contexto, presume-se que, nessas províncias, o modo de vida estava baseado nas normas do Império Romano, e que a ideia de família romana patriarcalista foi seguida por todas as regiões. Entretanto, a maioria da população nativa da *Britannia*, antes da chegada dos romanos, parece ter vivido em extensos grupos familiares, e talvez muitas famílias rurais devam ter continuado assim pelo menos até o segundo século d.C. A típica família bretã da Idade do Ferro e do início do período romano vivia dentro de uma edificação com duas ou três famílias inter-relacionadas (ALLASON-JONES, 2004).

Para acrescentar, houve também vários casamentos entre romanos e nativas, cujo exemplo pode ser evidenciado pelo sepultamento de Regina, encontrado em South Shields e datado do segundo século d.C., que, além das inscrições, apresenta em sua imagem roupas, joias e mobília, caracterizando um verdadeiro altar. A inscrição indica que ela era uma nativa da tribo dos catuvelauni, que morreu aos trinta anos (*RIB 1065*) e que era uma mulher livre, esposa de Barates, de Palmira (ALLASON-JONES, 2012).

Figura 1 – Altar de Regina, encontrado em South Shields, datado do século II d.C.
Fonte: © Newcastle University all rights reserved.



O altar de Regina está dividido em quatro fragmentos e emoldurado em duas pilastras, nas quais a falecida fica sentada em uma cadeira de vime, voltada para frente. Ela veste um manto com mangas longas sobre uma túnica, o qual chega até os pés. Em volta de seu pescoço há um colar e pulseiras em seus punhos. Em seu colo, ela possui uma roca e um fuso. Além disso, enquanto do seu lado esquerdo encontra-se um cesto de trabalho, com novelos de lã, na sua mão direita, Regina, segura um porta-joias aberto. Há uma grande auréola em volta de sua cabeça, mas o seu rosto está cortado³.

Epitáfio

*D(is) M(anibus) Regina liberta et coniuge
Barates Palmyrenus natione
Catvallauna an(norum) XXX⁴*

Tradução

Barates de Palmira (construiu este monumento), em dedicação aos deuses manes, para a liberta Regina, sua esposa, da nação catuvelauna, com trinta anos de idade⁵.

De acordo com Allason-Jones (2005), Regina poderia ter sido, primeiramente, uma escrava, com um aparente comércio doméstico em atividade. Pelas inscrições demonstrarem que ela era uma mulher livre, pressupõe-se que ela poderia ter sido escrava por um determinado tempo. E no final do século II d.C. era difícil compreender como um membro de uma tribo bretã e nascida livre, poderia ter se tornado uma escrava. Allason-Jones (2005) sugere que o único modo disso ter acontecido seria a venda dela pelos pais. Acrescenta-se que essa prática foi banida por Roma até 313 d.C., mas, por evidências em Noricum e em outras partes do Império, parece que essa atividade aconteceu por todas as regiões entre os séculos II e III d.C. (ALLASON-JONES, 2005).

Deve-se ter em mente que múltiplos fatores podem ser reconhecidos como aqueles que formam as experiências de vida de uma pessoa, os quais, alguns, podem ter sido impactantes para a identidade delas, assim como, por exemplo, a disparidade em relação ao *status*, localização, religião, origem, língua, gênero, idade e outros (MATTINGLY, 2004; REVELL, 2016). Outra explicação pode ser que Regina tenha sido uma vítima do impacto do imperialismo romano e das relações de poder, que podem ser caracterizados como uma transformação que não foi neutra, mas uma estratégia de controle pelas autoridades imperiais (REVELL, 2016). O casamento entre romanos e nativas poderia ser, potencialmente, um processo de remoção da identidade nativa. E, embora o grupo possa ter permanecido, as relações dentro do grupo e entre os grupos podem ter sido refeitas dentro de uma ideologia romana, e essa assimilação, que pode ser variável, pode ter sido incentivada pelo mecanismo do esquecimento.

Regina está vestida como uma típica matrona romana, embora ela use um *torc* em volta do pescoço. Ela também está associada aos símbolos tradicionais das mulheres romanas, incluindo uma cesta de lã, uma roca e um fuso, que também estão ligados ao contexto funerário de Palmira, de onde seu marido era nativo⁶. Regina possui uma

³ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1065>, acessado em 02/11/2015.

⁴ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1065>, acessado em 02/11/2015.

⁵ Tradução P. P. A. Funari, 2017. Ele entende que Regina Liberta está no ablativo, no lugar do usual dativo.

⁶ Disponível em <http://www.nu-digitalheritage.com/CatalogueRetrieve.aspx?ProductID=9038865>, acessado em 31/07/2017.

vestimenta de roupa longa, invisível pelo pescoço, com exceção quando se vê o broche de fixação, e as mangas ajustadas, que terminam antes dos braceletes. O item básico de roupa feminina nas províncias do noroeste é conhecido hoje como “casaco galo”, que era uma túnica larga pouco adaptável com mangas que foram costuradas no lugar ou tecidas de uma só peça com o corpo da peça do vestuário, sendo que exemplares sem mangas também são conhecidos. O casaco era unissex, utilizados até os joelhos pelos homens e até os tornozelos ou panturrilhas pelas mulheres, com a bainha curvada para evitar perder a firmeza. Achados em sepulcros sugerem que muitos braceletes eram utilizados ao mesmo tempo, mas as esculturas mostram que um bracelete em cada antebraço era o modo preferido de se usar, assim como os de Regina. E tais braceletes também poderiam ser muito caros, bem elaborados, com motivos e decorações diversas. Os broches não parecem ter sido usados como enfeites, mas como algo utilitário, para juntar as peças de roupas. Geralmente eram feitos de cobre, fusão de metais, latão, bronze e com acabamento de prata. Parece que os broches se tornaram menos populares entre as mulheres no final do século II d.C., e os broches em forma de arco foram encontrados, demasiadamente, em sepultamentos masculinos (ALLASON-JONES, 2005).

A roupa, os adornos e mesmo a atividade ali representada, encontrados nesses tipos de cultura material, como esse altar de Regina, podem indicar uma abstração de identidade em que podem ser aprendidos e internalizados, pois o modo de se vestir é parte do processo de socialização, e a adoção de diferentes modos de vestimenta pode indicar a transição de um grupo para o outro, ou apenas a incorporação de alguns aspectos. Segundo Revell (2016) isso pode ser utilizado para significar quem faz parte do grupo, quem é excluído, e, também, quem se exclui. Quem não entende o significado de cada detalhe, não faz parte da comunidade, e isso é usado para criar e manter limites (REVELL, 2016).

A cor, a forma e a decoração, por exemplo, podem ser criados para definir um grupo. Muitas vezes, o modo de se vestir pode indicar uma forma de disciplina institucional ou, de forma mais informal, pode compreender uma série de assuntos, que não são mencionados, mas demonstra o que é apropriado. Dessa forma, a vestimenta também é uma forma de comunicação. Além disso, a mudança de vestuário é parte de um processo de transformação cultural, que é uma pequena parte de uma série de alterações. De acordo com as características de vestimenta que Revell (2016) cita em sua obra, a túnica e o manto, que Regina usa no altar, parecem ser do costume das mulheres romanas. Contudo, entre os dois grupos poderiam ter costumes em comum (REVELL, 2016). Decorrente da mudança cultural encarada pelas nativas, não só na vestimenta, mas em vários setores, Allanson-Jones (2005) sugere, em relação a identidade, que muitas dessas mulheres poderiam ter se sentido deslocadas, confusas e psicologicamente doentes, e que o suicídio poderia ter sido frequente entre elas (ALLASON-JONES, 2005).

As evidências de artefatos e as inscrições comprovam que um número considerável de mulheres viviam em fortes, demonstrando que parecia ser comum que os oficiais tivessem consigo suas mulheres, filhos e servos. Um exemplo disso foi encontrado em algumas fontes materiais, bem como no sepultamento de Julia Lucília (RIB 1271, 1288), filha de um senador, casada com Rufinus, comandante de um alto posto em um forte em High Rochester, Northumberland (ALLASON-JONES, 2012).

Sobre Julia Lucília e Rufinus, foram encontradas duas inscrições. A primeira (RIB 1271), descoberta em 1729, no forte de High Rochester, e datada de 43 – 410 d.C., foi

elaborada em um altar de arenito, dedicado a Silvanus Pantheus. Atualmente, ela se encontra no Museu de Durham⁷.

Epitáfio

Silvano
[Pa]ntheo
[p]ro salute
[Ru]fin[i] trib(uni) et
[L]ucillae eius Eutyclus
Lib(ertus) c(um) s(uis)
*v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)*⁸

Tradução

O liberto Eutyclus, com os seus, cumpriu o voto merecido (pela divindade Silvano Pantheus), de forma espontânea (com este monumento), para o deus Silvano Pantheus, pela salvação do tribuno Rufino e de sua Lucília⁹.

A outra inscrição (RIB 1288) sobre Lucília também foi encontrada no forte de High Rochester, em 1809. Essa segunda inscrição foi trabalhada em uma lápide feita em arenito, atualmente exposta no corredor norte da igreja Elsdon¹⁰.

Epitáfio

[...] S
[...]
..HII . 4.I .. II ... II .
[.] coh(ortis) I Vardul(lorum) [...]
[... praef(ecto)] coh(ortis) I Aug(ustae)
Lusitanor(um) item coh(ortis) I
Breucor(um) item coh(ortis) I
Breucor(um) subcur(ator) viae
Flaminiae et aliment(orum)
Subcur(ator) operum publ(icorum)
Iulia Lucilla c(larissima) f(emina) marito
b(ene) m(erenti) vix(it) an(nos) XLVIII
*m(enses) VI d(ies) XXV*¹¹

Tradução

Julia Lucília, queridíssima esposa¹² (construiu este monumento), para o seu marido, merecedor que foi da primeira coorte dos Vardulos, prefeito da primeira coorte augusta de lusitanos, também da primeira coorte dos breucos, vice-curador da Via Flâmínia e da provisão de alimentos, assim como de obras públicas: ele viveu 48 anos, 6 meses e 25 dias¹³.

⁷ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1271>, acessado em 02/11/2015.

⁸ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1271>, acessado em 12/11/2015.

⁹ Tradução P. P. A. Funari, 2017.

¹⁰ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1288>, acessado em 02/11/2015.

¹¹ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/1288>, acessado em 12/11/2015.

¹² *Clarissima femina*, termo usado na antiguidade tardia para se referir a uma mulher da aristocracia.

¹³ Tradução de P. P. A. Funari, 2017.

De acordo com Allason-Jones (2012), era permitido aos centuriões e decuriões casarem-se ao longo de sua jornada militar, algo que, posteriormente, foi concedido aos soldados (ALLASON-JONES, 2012; ALLASON-JONES, 2004). Muitos dos memoriais para mulheres de soldados, ou aqueles elegidos pelas suas viúvas, são datados de depois de 197 d.C., quando Septímio Severo deu a permissão aos soldados de usarem anéis de ouro e de casarem-se (ALLASON – JONES, 2004).

O segundo maior contexto comum de se encontrar objetos das mulheres na *Britannia* refere-se às superfícies das estradas ou aos seus drenos. Muitas mulheres devem ter visitado a *Britannia* durante esse período, trazendo consigo objetos pessoais de suas terras natais, assim como sua moral, religião e tradição familiar. Essas viagens poderiam ter resultado em uma mistura de evidências, as quais devem ser tratadas com o cuidado necessário (ALLASON-JONES, 2012).

Essas mulheres também poderiam seguir seus pais, maridos ou irmãos nas cidades, onde adquiriam o direito ao *ordo*¹⁴. Os conselhos que governavam as *coloniae*¹⁵ e *municipia*¹⁶ eram reservados para homens com mais de 30 anos que satisfaziam as qualificações apropriadas, mas a reputação desse cargo era dividida por toda a família. Um exemplo disso é mostrado no sepultamento de Élia Severa (RIB 683), esposa de um decurião de York, a qual foi chamada de *honesta femina*, título reservado às mulheres da classe curial (ALLASON-JONES, 2004). Esse sepultamento foi encontrado em 1859, em forma de caixão, datado de 43 – 410 d.C., estando exposto atualmente no museu de Yorkshire¹⁷.

Epitáfio

D(is) M(anibus)
Ael(ie) Severe honeste femine
coniugi Caec(ili) Rufi quond(am)
vixit an(nos) XXVII m(enses) VIII d(ies) IIII Caec(ilius)
*Musicus lib(ertus) e (i)us p(osuit)*¹⁸

Tradução

Cecílio Músico, seu liberto, colocou (este monumento) para os deuses manes, em honra de Élia Severa, mulher honesta¹⁹, antiga esposa de Cecílio Rufo: ela viveu 27 anos, 9 meses e 4 dias²⁰.

¹⁴ Cada *colonia* e *municipium* era governado por um Conselho chamado *ordo*, que era formado por cem conselheiros referidos como ‘decuriões’. Esses eram nomeados a partir dos homens da cidade, que eram acima da idade de 30 anos e satisfaziam as qualificações apropriadas (ALLASON-JONES, 2005).

¹⁵ A *coloniae* era o *status* mais alto que um assentamento romano poderia chegar. Um exemplo é Camulodunum, que recebeu esse *status* por ter passado a ser um assentamento de legionários aposentados que teriam servido em uma ou mais legiões na *Britannia*. Com um ar militar, tinham a intenção de fazer dela a nova capital da província, para testar o controle dos novos territórios. As funções principais da *colonia* eram a manutenção dos veteranos e a abertura para o fornecimento de novos recrutas. Sendo assim, Camulodunum era incumbida da promoção e proteção contra qualquer oponente (FIELDS, 2011). O nome dessa nova *colonia* não se sabe ao certo, mas as inscrições citam *Colonia Vectricensis*, “A Colônia dos Vitoriosos” (SEALEY, 1997; BELO, 2014).

¹⁶ O *municipium* era um tipo de área urbana. Como exemplo pode-se citar Verulamium, que teve um desenvolvimento impressionante (SEALEY, 1997), e recebeu o seu nome devido à sua mudança de *status* dentro da província. Ele possuía uma fusão de estilo de vida nativo e romano, ficando em segundo lugar quando comparada a uma *colonia* (DAVIES & ROBINSON, 2009), tal como Camulodunum (BELO, 2014).

¹⁷ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/683>, acessado em 04/11/2015.

¹⁸ Disponível em <http://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/683>, acessado em 12/11/2015.

¹⁹ *Honesta femina*, literalmente “mulher honesta”, termo usado para se referir a uma esposa de membro do conselho municipal, cúria ou senado municipal.

²⁰ Tradução de P. P. A. Funari, 2017.

Em várias dessas culturas materiais, evidenciam-se o carinho que os maridos tinham por suas esposas, assim como inscrições que mencionavam expressões amorosas e de ternura, como, por exemplo: “amada esposa” (*RIB* 621), “muito amada esposa” (*RIB* 959) e “a mais devota das esposas” (*RIB* 17) (ALLASON-JONES, 2004). Nessa perspectiva, pode-se concluir que, ao que parece, essa cultura material demonstra, além de afeto, algo bem diferente da forma como as fontes escritas caracterizaram as mulheres da Antiguidade, conforme foi evidenciado em obras de escritores antigos na primeira parte deste artigo.

Um desses exemplos é a lápide feita de pedra e encontrada em 1916/17, de Verecunda (*RIB* 621), nativa da tribo dos Dobunni, perto do anglo nordeste do forte de Templebrough, Inglaterra. Hoje ela está exposta no Museu de Rotherham, Clifton Park Museum.

Epitáfio

*Dis M(anibus)
Verecu(n)d(a) Rufi (fi)lia cives
Dobunna annor(um) XXXV Excigus
coniux coniugi karissima[e]
pos(u)it de suo²¹*

Tradução

Aos Deuses Manes: Verecunda, filha de Rufus, mulher nativa de Dobunni, 35 anos; Excingo, seu marido, com seus próprios recursos, construiu esse monumento para sua amada esposa²².

Outro exemplo refere-se ao jazigo de Aurelia Aureliana (*RIB* 959), feito de arenito lustroso, encontrado em 1819 no portão escuro do cemitério romano em Gallows Hill, sul de Carlisle (*Luguvalium*), Inglaterra, quando fizeram um corte para a estrada principal. O jazigo foi transferido para o Museu de Antiguidades de Newcastle. Na atualidade, ele está no Great North Museum, de Hancock²³.

²¹ Disponível em: <https://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/621>, acessado em 04/07/2017.

²² Tradução nossa, inglês – português, 2017.

²³ Disponível em: <https://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/959>, acessado em 04/07/2017.

Figura 2 – Jazigo de Aurelia Aureliana.
 Fonte: © Newcastle University all rights reserved.



Epitáfio

*D(is) M(anibus) Aur(elia) Aurelia(na) vixit
 annos XXXXI Ulpus
 Apolinaris coniugi carissime
 posuit*²⁴

Tradução

Aos Deuses Manes, Aurelia Aureliana, viveu 41 anos. Ulpio Apolinari construiu esse monumento para sua muito amada esposa²⁵.

²⁴ Disponível em <https://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/959>, acessado em 04/07/2017.

²⁵ Tradução nossa, inglês – português, 2017.

Ela está segurando papoulas e pinhas, que simbolizam a morte para os romanos. Seu estilo de cabelo e vestimenta se adequam a uma data do meio do século III d.C.²⁶. Seus trajes são compostos por um “casaco galo” ou um manto, que comumente era utilizado sobre o casaco e uma túnica, e este parece possuir franjas. As capas eram a única forma de vestimenta externa mostrada nas esculturas da *Britannia*, mas em escritas em tábuas de Bath, por exemplo, mencionam que Lovernica perdeu uma *mafortium*, que foi identificada como uma capa curta que cobria o pescoço e os ombros (ALLASON–JONES, 2005). A parte de trás da lápide de Aurelia Aureliana foi fortemente queimada após a descoberta²⁷.

O último exemplo é o jazigo de Vivio Marciano (*RIB* 17), feito de calcário e encontrado em Londres (*Londinium*), em 1669, em um momento da reconstrução da Igreja de São Martinho, em Ludgate Hill. Primeiramente, ele foi levado para o Museu Ashmolean, em Oxford, mas desde 1974 está exposto no Museu de Londres. Trata-se de um jazigo de um centurião com uma túnica, um *cingulus*²⁸ e uma *paenula*²⁹, que cobre os ombros até a panturrilha. Ele segura um bastão de centurião na mão direita e parece que possui um pergaminho na sua mão esquerda³⁰.

Epitáfio

*D(is) M(anibus)
Vivio Marci-
ano ꝓ ꝓꝓ(ionis) II
Aug(ustae) Ianuaria
Martina coniunx
pientissima posu-
it memoriam*³¹

Tradução

Aos Deuses Manes e a Vivio Marciano, centurião da Segunda Legião Augusta. Januaria Martina, a mais devota das esposas, construiu esse monumento³².

As virtudes recorrentes nos epitáfios são geralmente de mulheres de alto escalão, porém a maioria dos jazigos encontrados também comemora as mulheres ordinárias. As virtudes tinham por finalidade compreender a descrição da matrona ideal romana, com grande afeto. Quando o epitáfio era escrito por mulheres, percebe-se que elas utilizavam a mesma fórmula epigráfica e convenções semelhantes àquelas utilizadas pelos homens (RIESS, 2012).

Os romanos, ao enterrarem seus parentes, homenagearem benfeitores, fazerem votos junto aos seus deuses, adorarem seus imperadores ou inaugurarem prédios, geralmente faziam inscrições para serem preservadas permanentemente. Entretanto, quando descreviam suas mulheres mortas, por exemplo, utilizavam-se de fórmulas

²⁶ Disponível em <https://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/959>, acessado em 04/07/2017.

²⁷ Disponível em <http://www.nu-digitalheritage.com/hadrians-wall/Stone/Inscription/tombstone/aurelia-aureliana-tombstone>, acessado em 31/07/2017.

²⁸ Um tipo de cinto. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/morph?l=cingula&la=la>, acessado em 14/07/2017.

²⁹ Espécie de manto ou capa. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/morph?l=paenula&la=la>, acessado em 14/07/2017.

³⁰ Disponível em <https://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/17>, acessado em 04/07/2017.

³¹ Disponível em <https://romaninscriptionsofbritain.org/inscriptions/17>, acessado em 04/07/2017.

³² Tradução nossa, inglês – português, 2017.

altamente estereotipadas e padronizadas por séculos (RIESS, 2012), dificultando o acesso, na contemporaneidade, em se conhecer as mulheres daquela época de forma mais aprofundada.

4. CONCLUSÃO

De acordo com Susan Fischler (1994), as lápides foram projetadas para comemorar a família desolada, mostrando as virtudes tradicionais da falecida, com o objetivo de descrever a mulher morta nos mais altos padrões esperados pela comunidade social, exemplificando-a como a matrona romana ideal, reconhecida por sua beleza, fertilidade e fidelidade a seu marido, assim como pela sua capacidade de dirigir o lar (FISCHLER, 1994). Sendo assim, as relações de poder, que sustentam um significado de identidade, podem mostrar na cultura material o resultado de um processo que envolve certos grupos que foram pouco visíveis (REVELL, 2016) em sua totalidade.

Em torno de todos esses aspectos, Riess (2012) levanta a ideia de que o marido cuidadosamente balanceava o jogo de gênero com a invocação dos tradicionais estereótipos de valores, sendo que as inscrições não descreviam realmente quem a pessoa era, mas um tipo, que foi enumerado com valor coletivo e reproduziu um código de normas. O intuito era que o texto honorário e material de ostentação provocasse a amostragem das virtudes da morta para deixar sua memória viva, o que acabava por ser um benefício para o marido que ainda permanecia vivo (RIESS, 2012).

Os homens consentiam as características das virtudes femininas, especialmente, de acordo com uma moral, sendo assim, detinham-nas sob seu controle. Desse modo, essa identidade feminina foi formulada, primeiramente, pelos homens, e, como consequência, as mulheres a adotaram como intrínseca a sua definição, internalizando esses valores. A linguagem latina da epigrafia foi gerada e trabalhada como instrumento de manutenção da dominância masculina sobre a feminina, demonstrando, nesse sentido, que as inscrições confirmam uma dimensão da variedade histórica de formação do gênero, o qual é uma construção social, transmitido para uma comunidade através de certos veículos de significados ou símbolos. Os modelos de epitáfios fazem parte de um sistema simbólico que se manteve estável por séculos, com pequenas mudanças ou nenhuma. Nessa perspectiva, é possível concluir que a reprodução simbólica da vida doméstica e da feminilidade era também parcialmente alcançada por meio de inscrições como carregadores de significados simbólicos. As inscrições serviam como representações de harmonia, no sentido de idealizarem os relacionamentos entre os indivíduos e entre as classes sociais como ditos “apropriados”. Era um meio de se expressar a categoria social e o *status* dentro de uma sociedade, demonstrando valores, normas sociais e funções em geral, definindo comportamentos, com longa duração, como um meio constante e firme (RIESS, 2012).

5. BIBLIOGRAFIA

5.1. Fontes Antigas

CASSIO DIO. 1914-27. *Roman History*. Tradução: Cary, E. London: W. Heinemann.

TACITUS, P. Cornelius. 1914. *Agricola*. Tradução: Peterson, W. London: William Hinemann LTC; Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

_____. 1952. *The Annals and The Histories*. Tradução: Church, A. J. & Brodribb, W. J. Great Britain: Penguin Classics.

5.2. Referências Bibliográficas

ALDHOUSE-GREEN, Miranda. 2006. *Boudica Britannia*. London: Pearson Longman.

ALLASON-JONES, Lindsay. 2004. The Family in Roman Britain. In: Todd, M. (Ed.). *A companion to Roman Britain*. Oxford: Blackwell Publishing.

ALLASON-JONES, Lindsay. 2005. *Women in Roman Britain*. York: Council for British Archaeology.

ALLASON-JONES, Lindsay. 2012. Women in Roman Britain. In: James, L. S. & Dillon, S. (Ed.). *A companion to women in the Ancient world*. Oxford: Blackwell Publishing.

BARRETT, Anthony A. 1996. *Agrippina: sex, power, and politics in the early empire*. Yale, London: Yale University Press, New Haven.

BEAUVOIR, Simone. 2010. *The second sex*. Nova York: Vintage Books.

BELO, Tais. P. 2014. Boudica e as facetas femininas ao longo do tempo: nacionalismo, feminismo, memória e poder. *Tese de doutoramento* apresentada ao Programa de pós-graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Departamento de História, área de concentração em História Cultural.

BRAUND, David. 1996. *Ruling Roman Britain: kings, queens, governors and emperors from Julius Caesarto Agricola*, London, Routledge.

BUTLER, Judith. 1999. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. 10th anniversary ed. Nova York, Londres: Routledge.

DAVIES, John. & ROBINSON, Bruce. 2009. *Boudica: her life, times and legacy*. Cromer: Poppyland Publishing.

DOBRES, Marcia A. & ROBB, John. E. 2000. *Agency in Archaeology*. Oxford: Blackwell.

FEITOSA, Lourdes. C. 2005. *Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia*. São Paulo: AnnaBlume.

FIELDS, Nic. 2011. *Boudicca's rebellion AD 60 – 61: the Britons rise up against Rome*. Oxford: Osprey Publishing.

FILHO, Ernesto, P. & VASCONCELOS, Edson. 2007. Foucault: da microfísica à biopolítica. RAGO, M.; MARTINS, A. L. (orgs). *Revista aulas: dossiê Foucault*. ISSN 1981 – 1225.

FISCHLER, Susan. 1994. Social Stereotypes and Historical Analysis: the case of the imperial women at Rome. In: *Women in Ancient Societies*. New York: Routledge.

FOUCAULT, Michel. 1991. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 9 ed. Petrópolis: Vozes.

FOUCAULT, Michel. 2001. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal.

FUNARI, Pedro P. A.; GARRAFFONI, Renata S. 2016. *Historiografia: Salústio, Tito Lívio e Tácito*. Campinas: Editora Unicamp.

GARDNER, Jane. F. 1990. *Women in Roman law and society*. London: Routledge.

GARRAFFONI, Renata. S. & FUNARI, Pedro. P. A. 2012. The uses of Roman heritage in Brazil. *Heritage and society*. v. 5, pp. 53 – 76.

HINGLEY, Richard. & UNWIN, Chritina. 2005. *Boudica: Iron Age warrior queen*. London: Hambledon Continuum.

- HODDER, Ian. 1986. *Reading the past: current approaches to interpretation in archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- JOHNSON, Matthew H. 1989. Conceptions of agency in archaeological interpretation. In: *Journal of Anthropological Archaeology*, 8.2. pp. 189 - 211
- JOHNSON, Marguerite. 2012. *Boudicca*. London: Bristol Classical Press.
- MAIA, Ana C. B. 2005. Identidade e papéis sexuais: uma discussão sobre gênero na escola. In: MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. (Orgs.). *Sexualidade e Infância. Cadernos Cecemca n.1. Bauru, Faculdade de Ciências: Cecemca*; Brasília: MEC/SEF, 2005. (p.66-82).
- MATTINGLY, David. 2004. Becoming Roman: expressing identity in a provincial setting. In: *Journal of Roman Archaeology*, 17, pp. 5 – 25.
- MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- MESKELL, Lynn. 2007. Archaeologies of identity. In: T. Insoll (ed.) *The archaeology of identity: a reader*. London: Routledge, pp. 23 – 43.
- MEYERS, Rachel. 2012. James, S. L. & Dillon, S. (eds.). Female portraiture and female patronage in the high imperial period. *A companion to the women in the Ancient World*. Malden, Oxford, Chichester: Blackwell Publishing.
- NOLASCO, Socrates. 1993. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- PEREIRA, Marcos, E. 2002. *Psicologia social dos estereótipos*. São Paulo: EPU, 2002.
- PINTO, Renato. 2011. Duas rainhas, um príncipe e um eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana. *Tese de doutoramento* apresentada ao Programa de pós-graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Departamento de História, área de concentração em História Cultural.
- RAWSON, Beryl. 2006. Finding roman women. In: Rosenstein, N. & Marx, R. M. (eds.) *A companion to the roman republic*. Oxford: Blackwell Publishing, pp. 324 – 341.
- REVELL, Louise. 2016. *Ways of being roman: discourses of identity in the roman west*. Oxford & Philadelphia: Oxbow Books.
- RIESS, Werner. 2012. *Rari exempli femina: female virtues on Rome*. JAMES, S. L. & DILLON, S. (orgs.). *A companion on women in the Ancient World*. Chichester: Wiley – Blackwell.
- REIS, Kellen. C. F; MAIA, Ana. C. B. 2009. Estereótipos sexuais e a educação sexista no discurso de mães. In: Valle, T. G. M., org. *Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções [online]*. São Paulo: Cultura Acadêmica. pp. 137 - 154. ISBN 978-85-98605-99-9. Disponível em: SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- SALWAY, Peter. 1993. *The Oxford illustrated history of Roman Britain*. Oxford: OUP.
- SEALEY, Paul R. 1997. *The Boudican revolt against Rome*. Oxford: Shire Publications LTD.
- SHANKS, Michael.; TILLEY, Christopher. 1992. *Reconstructing Archaeology: theory and practice*. 2nd ed. London, Routledge.
- VARELLA, Flávia, F. 2006. A proximidade feminina e a imagem Imperial: Nero, Tácito & os Anais. In: *Revista eletrônica: Cadernos de História*. Ano I, n.2. www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria, ISSN 1980-0339.